



Blecaute

Revista de Literatura

Campina Grande (PB) – Nº21

Jul - Dez - 2020

ISSN: 2238-930X

POEMAS

POEMAS

De Tággidi Mar

1.

O velho
O cheiro das luvas guardadas
À espera do derradeiro inverno

Moços, pobres moços
Em moça também julguei
Ser a ancianidade um acidente da visão
Do tato

O tempo vence toda ilusão

Pegado nas dobras óbvias e recônditas
Do corpo meu mais decomposto
O cheiro guardado das luvas

O velho à espera
Do inverno derradeiro

2.

Confessou-me o Tempo num sopro

Sou um Deus órfão, inconsciente de minha própria origem
Triste porque perenemente solitário, sem pais, sem noiva ao altar
As infinitas formas breves, invento-as – atribuição natural de todo ignaro:
Dos bósons a Brahma, de Bose ao brasil, sabiás, bahias e supernovas –
Espontânea e descontroladamente, como acometido por Síndrome de Tourette

Amo a todas as minhas criaturas indistintamente, porque inocentes de nascer
Mesmo deuses e deusas, também certos homens e mulheres vaidosos, santos
Reis, poetas enganados pela arrogância, engodados pelo desejo de eternidade
Fardo que eu de bom grado ofertaria, fosse onipotente e impiedoso, duplo
Javé, Cronos, Saturno, pelo que me acusam de danar e devorar meus filhos

Nenhum rebento é tão velho quanto eu; temo que nenhum sobreviva a mim
Ai de mim, a mais infeliz, nas procissões de inúmeros funerais, ancestral mãe
A unhas lacero face e peito, arranco os cabelos, grito, atiro-me às covas
Pranteio a extinção de todos os frutos de meu ventre, peço a morte a ninguém
Algo humano, deploro o futuro que desconheço e se me afigura o mesmo cruel.

3.

São dezenas centenas milhares milhões de cadáveres
Bilhões trilhões! - alguém grita
São incontáveis - outro pondera
Tantos quantos os grãos de areia - um poeta
Esses são os vivos - a razão objeta
Este ano, o número de mortos de todas as eras ultrapassou o dos vivos - ei-lo, o
[cientista
O número de vivos de todas as eras?
A incompreensão faz os demais se remexerem na cadeira

Como suportar o peso de tantos corpos mortos? - um sussurro
Nem Escamandro... - um suspiro
Nem o Amazonas... - um patriota
Hoje mais um... - pranto
Provavelmente, como ontem, dado que nada mudou, outros milhares - por cima dos
[óculos
Contabilizamos também os animais não humanos, as plantas, outras formas da vida?
A incompreensão faz os demais se remexerem na cadeira

4.

O teu corpo-terra que eu conquistei
Mastro fincado no peito – minha bandeira
Ícones de lua e navalha, vermelho-sangue
[mênstruo e amor
Vênus-Oxum coruscando em êxtase
Sal e mel, abundantes as minhas águas
Desabam sobre o sulco de rochas-dentes-língua-leito
Lavam nas tuas praias teu cabo, lavram tuas falésias

Meu macho, meu homem, terra que eu conquistei
Escalando sem anteparos as tuas escarpas, alturas
Arrastando meu fardo ao longo das tuas lonjuras
Esculpindo nas ondas do meu suor o teu magma
Aspergindo nos teus pontos cardeais a água benta
[do meu sexo

E nos teus desertos eu de joelhos botões abertos
Meu peito nu crestando sob os raios de Eros
Minha carne putrefazendo-se a mais vasta solidão
Emprenhando o solo a primeira ossada Euá-Eva
Ao abrigo do branco um indeterminado germina
Signo oculto e manifesto da Natureza indiferente:
[fera Vida.

5.

Olhavam distraídos os astros
Aparentemente desastrados
Nas fotografias da NASA

Nem prescindíveis polegadas
Nem demasiados megapíxeis
Conferem-lhes resolução

Vedam-lhes, antes, a visada

São Jorge, cravada a lança
Na lua, a matar eternamente
O demônio da maldade

Vênus, nua, ardendo de desejo
À hora da aurora e do ocaso
Pondo Marte aperreado

Tédio ou cansaço lhes dão azo

Voltam-se a outro retângulo
Maior, mais bem emoldurado
De onde avistam um céu

Cinza, onde contam-se cinco
Pontos acesos de memória
Que lhes animam o coração

Guiados pelo cheiro do passado

Viajam até um longe deserto
Prenhe de curvas, enviesado
Pródigo em pirilampos

Gozam a ironia que dá a vida
Na noite auspiciosa dos astros
A escuridão que dá a ver

***TÁGGIDI MAR** (SÃO PAULO/TOCANTINS). Poeta e prosadora. Tem publicado poemas e contos em revistas eletrônicas como Lavoura, Ruído Manifesto, Gueto, Quatetê e Mallarmagens. Integrou a Coletânea Degredo da revista Gueto e a Antologia Poética da Revista Cult (organizada por Nina Rizzi). Em março de 2020 publicou seu primeiro livro: O Sonho do Tempo, pela editora Patuá.